

O ROMANCE REPORTAGEM E A CRÍTICA SOCIAL

*Carla Lavorati (Graduanda- Bolsista PET-Letras) UNICENTRO
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (Pós Doutora) UNICENTRO*

RESUMO

O jornalismo literário ainda está conquistando seu espaço. Suas publicações são geralmente reservadas aos meios de comunicação segmentados e de público pré-definido, como revistas especializadas, livros-reportagens, romances-reportagens, entre outros. A repetição da linguagem dos periódicos, com textos superficiais e sem muitas inovações, traz à tona a importância do jornalismo impresso de produzir matérias que aliem profundidade com qualidade narrativa. O romance reportagem, ao ultrapassar os limites do jornal impresso diário, tem a pretensão de auxiliar o leitor a conquistar uma compreensão diferenciada e mais ampla do mundo. É com este objetivo que o trabalho pretende expor a contribuição deste veículo enquanto meio de informação e reflexão.

Palavras-chave: Jornalismo literário, subjetividade, romance reportagem

A era da industrialização e o período da indústria cultural, bem como o surgimento de novas mídias e sua constante massificação constituíram fatores de influência nas artes e na cultura do país e esses novos padrões foram refletidos, conseqüentemente, na imprensa brasileira. A aceleração dos acontecimentos exigia maior rapidez na construção, análise e interpretação dos fatos. O jornalismo adquiriu um novo molde através de uma linguagem capaz de ser consumida em escala industrial, com textos cada vez mais enxutos e superficiais.

Ou seja, os grandes veículos de comunicação, no que tange o jornal impresso diário passam a ser elaborados através de uma estrutura própria, onde os elementos notícia e informação passam a ajustar-se a modelos pré-estabelecidos que priorizam a concisão e a objetividade.

Acontece que a maior parte da produção jornalística contemporânea, realizada por gigantescas empresas do setor, segue um feitiço bastante industrializado. Isso significa uma produção em massa, em que se tenta cobrir várias áreas diferentes da atividade social, com a maior velocidade possível e dentro de padrões rígidos que simplificam a coleta de informações e uniformizam a forma como se elaboram mensagens. Tudo visando atingir o maior número possível de leitores, espectadores, ouvintes. (LIMA, 1993, p.12)

No entanto, paralelamente a esse novo padrão jornalístico, surgem novos modelos narrativos elencados no elemento tão precioso ao jornalismo, a notícia. Entre eles citamos: a reportagem, a crônica, e mais audaciosamente o romance reportagem, objeto de nosso estudo. Esses novos gêneros se construíram a partir do processo de hibridação ocorrida através da migração de

um código no outro, e da ruptura entre os limites já existentes. E nascem como uma alternativa frente à rigidez das formas encontradas nos jornais, mantendo como ideal a ampliação da leitura da realidade e o preenchimento dos vazios deixados pela imprensa regular.

A prisão do jornalismo comum em torno da atualidade o impede de buscar as raízes, um pouco mais distantes do tempo, que explicam melhor as origens dos acontecimentos, bem como as motivações dos atores envolvidos. Em lugar da atualidade, o jornalismo de profundidade deve buscar ler a contemporaneidade, um conceito muito mais elástico do tempo presente, que transcende o meramente atual para focalizar com grande pertinência as implicações, hoje de eventos que não se deram apenas ontem, mas sim há anos, décadas, talvez. (LIMA, 1993, p.19 e 20)

Através do alargamento e da redefinição dos limites dos grandes veículos de comunicação, esses novos gêneros ganham importância ao preencher a lacuna deixada pela grande imprensa. Já que a quantidade de informações que nos chegam diariamente é cada vez maior e a forma de tratamento empregada no relato dos fatos nos grandes veículos impressos, em sua maioria, não dão conta de expor a complexidade dos acontecimentos e do mundo. Nesse sentido, as narrativas com maior profundidade, reveladoras e esclarecedoras, assumem importância, pois possibilitam aos leitores uma reflexão crítica dos assuntos reportados.

ROMANCE-REPORTAGEM: UMA RESISTÊNCIA A DITADURA

Primeiramente consideraremos o romance reportagem como um gênero autônomo que está situado na fronteira de dois discursos, o jornalístico e o literário. Ou seja, nasce e se define através da hibridação presente em suas narrativas, ocorrida através da junção entre elementos provenientes de ambos os discursos. Utilizando assim, o real, o acontecido, como material base na sua configuração, que se encontrará, no entanto, revestido de elementos oriundos da literatura, permitindo, dessa forma, a intervenção do subjetivo na construção do texto.

Teoricamente, o romance reportagem pode ser visto como um gênero que resultou do entrecruzamento do gênero "literário" romance com o gênero "não-literário" reportagem, ou, em outras palavras, da intersecção das marcas constitutivas e condicionadoras da narrativa romanesca e da narrativa jornalística. (COSSON, 2001, p.32)

Esse gênero assume relevância no período da ditadura militar do Brasil. Pois, a censura atuante na imprensa, durante esse período, tinha como objetivo não deixar transparecer nos jornais nada que manchasse a imagem do governo e de seus governantes. Os jornalistas, além de terem suas matérias vistoriadas diariamente, viviam sob contínua tensão. Um dos instrumentos de

chantagem utilizado pelos governos militares era o corte das verbas publicitárias que eram destinadas ao veículo, chegando a violência e a repressão, assim, pretendiam forçar o jornal a aderir à auto-censura. Ou seja, o jornal que não seguisse as “regras do jogo” deixaria de circular, ou até mesmo teria seu fim decretado.

O lado comercial da imprensa oferecia, pois, ao regime, muitas maneiras de pressionar: auditorias, suspensão de anúncios do governo, pressão sobre os anunciantes e gráficas particulares e confisco. Todas elas podiam prejudicar gravemente a liberdade de imprensa sem ter de exibir publicamente a restrição dessa liberdade. In: SMITH, Anne-Marie. Um Acordo Forçado- o consentimento da imprensa à censura no Brasil.

É nesse contexto de repressão política que o gênero romance reportagem fixa suas bases. Já que os jornalistas encontrando barreiras e limitações para a publicação de seus textos, devido à opressão exercida pela censura, buscavam outras formas para comunicar a realidade. Nesse sentido, podemos relacionar o fortalecimento e importância do romance-reportagem no cenário nacional ao “vazio” predominante na grande imprensa, que ao ser silenciada pela auto-censura e pela versão oficial dos fatos, mantinha os conteúdos de suas edições longe da dura realidade que o país enfrentava.

Tal ação da censura, explicita a ensaísta, não visava apenas a assegurar tranquilidade ao novo regime retendo-lhe as críticas da oposição, mas, sobretudo, a apagar ou a desvirtuar a realidade histórica que se vivia na época, em prol da visão cor-de-rosa de “um país que vai pra frente” bem adequada ao ufanismo do “milagre brasileiro”, anunciado em canções e slogans da época. (COSSON, 2001, p.18)

Ou seja, essas novas narrativas assumiram o papel de relatar os acontecimentos de uma época onde o silêncio predominava. O que tornou comum, nesses textos, assuntos que se situam em torno das injustiças, extrapolações e sofrimentos causados pelo tortuoso período de repressão que o país vivia.

O resultado foi que, como unanimemente tem registrado a crítica do período, à literatura da época coube, então, o papel de resistir politicamente às arbitrariedades dessa censura nos jornais e nos outros meios de comunicação; denunciando e revelando as verdades omitidas no silêncio, a história mascarada pela versão oficial” (COSSON,2001,p.16)

Ou seja, elas passam a configurar-se, dessa maneira, como uma proposta inovadora do jornalismo frente os abusos cometidos pelo regime militar.

No entanto, não podemos simplificar explicações sobre a origem e o fortalecimento do gênero a situação de coibição e restrições estabelecidas pela ditadura militar. Há outros fatores que devem ser levados em consideração como a antiga relação entre jornalismo e literatura, característico dos primeiros jornais, as influências das narrativas do Novo Jornalismo norte americano e, experiências retratadas em revistas como a Realidade, onde já se fazia jornalismo com técnicas ficcionais.

“ZERO”: UMA NOVA LEITURA DA REALIDADE

O romance reportagem *Zero* de Ignácio de Loyola Brandão nasceu de matérias produzidas pelo autor e censuradas pelo regime militar no período em que trabalhava como jornalista no Jornal Última Hora. O processo de criação que resultou no romance *Zero* durou nove anos, compreendendo dessa forma o período de 1964 a 1973, justamente um dos períodos mais truculentos do regime militar brasileiro. A obra surge inicialmente como uma série de fragmentos sobre uma grande cidade, num período obscuro e conturbado, de medo e violência, o da ditadura militar. “Com a repressão que anda por aí, ninguém quer sair de casa, as ruas são fazias, cassaram as licenças para circular depois de 21h34min horas”. (BRANDÃO, 2001, p.19).

Através de uma estrutura pouco convencional e uma diagramação inusitada o autor brinca com as possibilidades permitidas pelo gênero. E assim, o texto se estrutura repleto de inovações como recortes de jornais, caixas com pensamentos, frases de banheiros, desenhos, rabiscos, letras de música, poemas. E isso possibilita que o tema seja tratado de forma irônica com segmentos tomados por sátiras, o que confere ao texto um aspecto peculiar.

Os ambientes onde se desenrola a maior parte dos acontecimentos é o subúrbio. A classe baixa, sofredora e manipulada, é retratada sem rodeios.

Esmolas, mendigos, fome, vendedores ambulantes surgindo por toda a parte.(...) As filas no serviço social, crescendo. Briga todas as noites diante dos albergues, debaixo dos viadutos, pontes, nas portas de prédio, portas de igreja(...) Mendigos, vagabundos, desempregados, hordas revirando os lixos da cidade, de todas as cidades. As casas invadidas, ladrões presos ao roubar despensas, armazéns e supermercados protegidos por contingentes policiais. Todo mundo querendo ir para a cadeia onde, ao menos, não se morre de fome (BRANDÃO, 2001, p.143)

A denúncia social, característica natural do gênero em questão, está presente de forma clara e objetiva, em vários momentos do texto. Retratando o que os jornais da época escondiam. “A massa de desempregados passou para a cidade. Pediam esmolas nos viadutos, portas de igrejas, praças, cinemas. A policia vinha, prendia, batia. Corpos aleijados foram encontrados nos rios. Os diferentes, apavorados, não sabiam a quem recorrer. Nem tinham a quem.” (BRANDÃO, 2001, p.173)

O enrijecimento da ditadura é anunciado, e novamente, cabe ao romance a exposição dos fatos. “Até então, lembra, bater, prender, era coisa comum. Mas a gente não tinha começado a viver está época de mortes, fuzilamentos, torturas desaparecimentos” (BRANDÃO, 2001, p. 161). E os abusos exercidos pelas autoridades do período passam a compor vários momentos do texto. Observe.

Não sei que horas eram, vieram me buscar (...) comunista filho da puta, conta dos aparelhos, me dá os endereços... Os fios no meu saco, nas plantas dos pés, fale, conta merdinhadebosta...E agora você vai saber porque me chamam de João Bonzinho disse o coronel enquanto enfiava um fio no canal de minha uretra e ligava o fio direto na tomada e eu sumia no mundo, com tanta dor que nem sentia dor...E o João Bonzinho enfiou um bastão no meu rabo e ligou no magneto e girou a manivela e me caguei todo, a bosta escorreu pelas minhas pernas, eles morreram de rir e disseram que eu devia comer a bosta no chão porque tinha sujado a sala toda e o general comandante não gostava de sala suja... lambe o chão merda de comunista, bandido do caralho, lambe com a língua... Eu comia aquela comida que estava no chão e que já tinha passado dentro de mim e prenderam uns ganchos dentados dentro das minhas orelhas e apertavam apertaram até que a orelha direita foi cortada e eles jogaram no meio da bosta e do mijo e mandaram eu comer feijoadada e o mundo sumiu de novo... acorda aí que o interrogatório vai recomeçar... dormi, acordei, dormi, acordei, pau-de-arara, desmaiei, choque, dorme dez minutos, acorda, dorme-acorda-dorme. BRANDÃO, 2001, p 288)

A ironia é outra característica forte de Zero e pode ser encontrada em vários momentos, como no seguinte trecho intitulado:Uma curta visita social.

Bom dia, minha senhora. Sou da Polícia Política. Aqui está um cartão. A senhora e seu marido devem preenchê-lo. Coloquem duas fotos 3x4. Neste saquinho plástico, vocês devem colocar uma cópia da chave de sua casa. Este envelope pardo contém uma Ordem Judicial para que a Polícia entre legalmente na sua casa, a qualquer momento. A senhora deve guardá-lá cuidadosamente. Quando um de nossos agentes precisar entrar aqui, baterá, pedirá o mandado e só depois entrará. Obrigado. Ah, se a senhora perder o mandado levará três meses de prisão, antes de obter a segunda via. Passe bem, minha senhora e meus respeitos ao seu marido. Louvado seja. BRANDÃO, 2001, p. 162)

O seguimento acima brinca com os absurdos ocorridos durante o regime, levando ao extremo uma determinada situação que tem como personagens funcionários do governo. Essa situação, mesmo que, hipotética leva- nos a pensar nas ações praticadas pelo governo ditatorial. Serve portando da sátira para construção da crítica aos abusos de poder. No entanto, suas objeções, não limitam-se aos políticos. Elas vão mais além, com trechos criticando a igreja, seus membros e seus seguidores.

A linguagem metafórica e literária é outra característica que devemos levar em consideração já que é o que possibilita o escritor a dar um tratamento diferenciado ao tema.

JOSÉ: NO INDIVÍDUO A COLETIVIDADE

José é apresentado ao leitor como apenas uma parte do nosso gigante universo, uma pequena parte de um todo complexo. Essa idéia fica clara no início do romance quando o protagonista é apresentado paralelamente a informações gerais do universo, que encerram no seu último e menor componente, o José.

A descrição do personagem é construída de forma realista, através de uma linguagem que desnuda e humaniza e que o deixa longe de qualquer imagem de herói. “Ao contrário, é um infra-herói e passa despercebido, inatacado, desprezado.”(BRANDÃO, 2001, p.222) O que encontramos linha após linha é a representação de um homem comum.

José mata ratos num cinema poeira. É um homem comum, 28 anos, que come, dorme, mijá, anda, corre, ri, chora, trepa, enxerga bem dos dois olhos, mas toma Melhoral, lê regularmente livros jornais e jornais, vai ao cinema sempre, não usa relógio nem sapato de amarrar, é solteiro e manca um pouco, quando tem emoção forte, boa ou ruim.”(BRANDÃO, 2001, p.15)

José assume a função de representar uma coletividade, de identificar-se com a maioria. Dessa forma, é comum em muitos momentos ocorrer uma aproximação entre leitor e personagem, através de uma co-participação “fictícia” nos acontecimentos e situações narradas. Essas situações figuram-se dentro de uma realidade possível, apoiando-se na verossimilhança, na fundamentação do real, ou seja, a inspiração é a vida que acontece a cada dia, com seus dilemas e contratempos.

José tem medo. Se não fosse o único lugar da redondeza para tomar café, de manhã, José não entraria ali. (As pessoas me fazem medo. Penso que alguém vai me agredir. Vivo me preparando para me defender. Se alguém levanta o braço bruscamente, perto de mim, me assusto. Trato bem os outros, mesmo quando não quero tratar, porque acho: ? e se o outro não gosta do meu jeito e parte para cima de mim. Quando chego de noite em casa, espero alguém no corredor, atrás da porta ou alguém deitado na minha cama dizendo que ela não é mais minha.) (BRANDÃO, 2001, p.28)

Durante o desenrolar da narrativa ocorre muitas mudanças com o personagem, sua vida, suas responsabilidades, seu modo de pensar. Essa evolução acompanha os acontecimentos sociais e os problemas da época. José se adapta, se revolta, se arrepende, se confunde, foge, enfrenta, é bom, é ruim. “Eu queria viver louco irremediável, sem ligar para a minha vida, viver sem parar, morrer de tanto viver, não levar essa vida que levo, deslizando, sem

fazer nada, sem saber o que sonhei um dia, se sonhei, nem sei o que quero.” (BRANDÃO, 2001, p. 82) Através dessas reflexões José expõe seus sentimentos em relação ao mundo, em relação a vida. .

Esse filho que Rosa quer, não pode nascer. Eu, também quero. Mas não, sei. Aqui, não tem hoje, nem amanhã. Não tem nada, só alguns instantes. Uma vida, não são instantes, é tudo. O tudo, aqui é a morte, amanhã. A prisão, a impossibilidade de meu filho ser alguma coisa, viver, amar. Impossibilidade de crescer, estudar (matam ele na escola), ter emprego, ter outros filhos. Medo, meu, de Rosa, dos meus vizinhos em geral. Medo pavor, receio. ? O que vamos fazer se esse filho vier. (BRANDÃO, 2001, p. 205)

E assim, José, pensa, repensa, chega a conclusões, se confunde. Se revolta, mas não sabe o que fazer, não sabe como fugir e nem sabe, direito, se querer.

? Mas, porra, para que eu quero casa própria? Por que a gente é obrigado a ter tudo isso? Por que eu não me separo dessa mulher? Por que não mato ela. Eu nem me separo, nem mato. (...) E a Rosa quer casa própria, secador de cabelo ou bosta enlatada eu vou arranjar, essa é que é a verdade. E eu não vou discutir comigo, nem me perguntar nada. Vai ser assim, e pronto. (BRANDÃO, 2001, p.142)

E assim, é construído uma idéia de mundo através dos olhos de José. A sua subjetividade é usada para transmitir as sensações e o comportamento de um homem que vive limitado, censurado, violentado dia após dia sem conseguir escapar, pois o seu sofrimento chega por todos os lados, caminhando junto com a sua vida. Pois está nas pessoas, nas atitudes, na ignorância, no governo, no ar.

José precisava correr. Sair dali, da cidade, do mundo. Agora podia. Se corresse sem parar, conseguiria saltar para o espaço. Queria subir, entrar na órbita da lua e não sair mais. A terra estava impossível, a vida não era mais para ser vivida. Chegar à lua e ver que ela era cinza, de gesso, morta. Mas a terra era mais morta que a lua. E se a terra parecia azul, era mentira. Dar voltas. Vendo a terra longe, longe. José e todos os homens entrando em órbita. Em volta da terra. Cada um girando com sua própria vida, sem aterrissar. “Astrohomens” mortos no espaço, rodando.(BRANDÃO, 2001, p. 250)

O romance reportagem, nesse sentido, vem expressar, literalmente os problemas e dilemas enfrentado pelos cidadãos numa sociedade que vivia a censura e violência. Problemas esses que pouco se registrava na imprensa convencional da época.

A retratação desse período através do romance é uma forma de libertar o escritor das amarras do jornalismo diário. E assim possibilitar o emprego de uma escrita de maior envolvimento pessoal.

Podemos pensar, dessa forma, na relevância que essas produções culturais inovadoras assumem em nossos dias. Já que as mídias tradicionais tendem, cada vez mais, a adotar padrões rígidos nas suas produções. Características, estas próprias da sociedade atual que é dirigida ao entretenimento e ao consumo imediato. Nesse aspecto o desenvolvimento da leitura de outras mídias, que contém características diferenciadas do que é oferecido a grande massa, podem ser um caminho para a reflexão, descoberta e apreensão de outras formas de reportar a ação humana diária.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Patrícia Marcondes de. Stultíferas Navis: a imprensa alternativa como antídoto ao regime militar. *In: Anais Eletrônicos da XXII Semana de História – “O Golpe de 1964 e os dilemas do Brasil contemporâneo”*.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Zero*. São Paulo: Global, 2001.

COSSON, Rildo. *Romance reportagem: o gênero*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GONÇALVES, Marcos Augusto; HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JUNIOR, João Baptista de Abreu. *As manobras da informação: análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965-1979)*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado da Escola de Comunicação da UFRJ, 1997.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

SMITH, Anne-Marie. *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.